

# PÓS-COLONIALISMO E PÓS-VERDADE NO CONTO “NAS ÁGUAS DO TEMPO” DE MIA COUTO

## POST-COLONIALISM AND POST-TRUTH IN MIA COUTO’S SHORT STORY “IN THE WATERS OF TIME”

*Inês Hortas Marques*<sup>1</sup>

---

### RESUMO

O presente artigo visa estudar a relação entre os conceitos de *pós-verdade* e *pós colonialismo* no contexto dos estudos das literaturas africanas de expressão portuguesa. Para tal, analisa-se o conto “Nas águas do tempo” (1994) de Mia Couto, enquanto recorte da literatura pós-colonial moçambicana e espaço de recriação de lendas e crenças autóctones. Finalmente, este empreendimento reflete ainda, criticamente, sobre o processo de descolonização de Moçambique como movimento de resgate do passado tradicional pré-colonial e de estabelecimento de uma identidade nacional independente.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-colonialismo. Pós-verdade. Moçambique. Mia Couto.

### ABSTRACT

This article aims to study the relationship between the concepts of *post-truth* and *post-colonialism* in the context of studies of Portuguese-language African literature. To this end, Mia Couto’s short story “Nas águas do tempo” (1994) is analyzed as a piece of post-colonial Mozambican literature and a space for recreating autochthonous legends and beliefs. Finally, this work also critically reflects on the process of decolonization in Mozambique as a movement to recover the traditional pre-colonial past and establish an independent national identity.

KEYWORDS: Post-colonialism. Post-truth. Mozambique. Mia Couto.

## Introdução

Numa entrevista com a investigadora Elena Brugioni, publicada em 2010, o escritor moçambicano Mia Couto (n. 1955) apontou que a tradição é um processo “de invenção de verdades. A tradição é como se fosse o que ainda há naquilo que já não há. Implica uma construção, um processo de mentira socialmente aceitável” (Brugioni, 2010, p. 150). Esta conceção pressupõe que valores e lendas tradicionais, que atravessam e pautam o quotidiano de múltiplas gerações, não são imutáveis nem edificadas sobre factos historicamente objetivos e inquestionáveis. Consequentemente, a ideia de impermanência de determinadas narrativas e costumes, encarados como tradicionais, reforça a consciência amplamente difundida de que a presença portuguesa no continente africano provocou uma violenta rutura com o desenvolvimento cultural e social dos países colonizados. Sendo a colonização “um processo ao mesmo tempo material e simbólico” (Bosi, 1993, p. 377), o fim das guerras de libertação não foi apenas sinónimo de tentativa de emancipação face aos padrões estéticos europeus, mas também de resgate do passado pré-colonial como instrumento de afirmação das nacionalidades emergentes. Aliás, é imprescindível ter em vista que o fim do colonialismo enquanto laço político entre uma metrópole dominadora e um país periférico dominado não corresponde ao término das relações económicas e culturais entre as duas regiões. Deste modo, entendem-se as razões pelas quais, através das suas literaturas contemporâneas, as populações oriundas destas segundas regiões interrogam comumente o problema da identidade como questionamento do enquadramento do espaço da representação, onde a sua imagem (do estereótipo do Oriental) é confrontada com a sua diferença, com o Outro (o Ocidental) (Bhabha, 1994, p. 75-80).

A consciência da problemática citada previamente ocasiona seguinte questão-problema: Quais os efeitos da pós-verdade nas discussões sobre a literatura pós-colonial moçambicana em língua portuguesa? Embora esta seja uma interrogação demasiado ampla para esclarecer neste reduzido espaço, norteia os objetivos e conteúdos desta pesquisa. Assim, procurámos definir os conceitos de *pós-verdade* e *literatura pós-colonial africana de língua portuguesa*, explorando as relações de interdependência entre eles e, através da leitura do conto “Nas águas do tempo”, publicado no volume **Estórias Abensonhadas** (primeira edição de 1994), estudar o processo de descolonização de Moçambique como movimento de resgate do passado tradicional pré-colonial e de estabelecimento de uma identidade nacional independente, atendendo a que, segundo Roland Walter, a literatura é um “espaço mnemónico [em] que autores pós-coloniais recriam os mitos necessários para se enraizarem como sujeitos autóctones” (Walter, 1999, p. 3).

Com vista à concretização dos objetivos indicados no parágrafo anterior, baseamos, primeiramente, o nosso estudo na leitura e análise crítica de instrumentos terminológicos de referência para o estabelecimento do enquadramento teórico e concetual deste artigo. Além disso, foram examinados e citados alguns dos principais trabalhos académicos nas áreas dos

estudos pós-coloniais e das literaturas africanas de língua portuguesa. Esta discussão teórica e terminológica faz-se notar primordialmente na primeira parte do desenvolvimento deste artigo, denominada “Ficção e pós-verdade na literatura pós-colonial”. Por fim, na secção final deste trabalho (“Nas águas do tempo”: Um estudo de caso), apresenta-se uma leitura do conto “Nas águas do tempo” de Mia Couto, enquanto recorte da literatura pós-colonial moçambicana e espaço de recriação de lendas e crenças autóctones. Esta secção do artigo tem por base os aspetos temáticos, narrativos e estilísticos da obra e também elementos do contexto histórico e social em que a narrativa foi produzida, afastando-se, assim, do modelo de *close reading* defendido pelo movimento do *New Criticism*<sup>2</sup> (cf. Ransom, 1941; Wellek e Warren, 1949).

A seleção do texto que serve de estudo de caso para este artigo fundamenta-se, por um lado, no facto de que Mia Couto é uma das principais vozes da literatura moçambicana pós-colonial com projeção global e cujas obras contribuem para a criação de um imaginário internacional sobre Moçambique enquanto país livre. Por outro lado, o conto em causa demonstra como o autor “se volta para a tradição na finalidade de recriar a identidade cultural do povo moçambicano, mediante o entendimento do passado” (Frasão, 2012, p. 141). Desta forma, a leitura crítica deste texto, apoiada no conhecimento sobre o contexto da sua produção, permitirá também discutir sobre o impacto da Era da pós-verdade na ficção pós-colonial.

## **Ficção e pós-verdade na literatura pós-colonial**

Em primeiro lugar, é imperativo definir *pós-verdade* e *pós-colonialismo*, enquanto termos operatórios, dado que estes se revestem de significados múltiplos mediante o contexto em que são aplicados. De acordo com Santaella, a Era da pós-verdade é determinada por “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Santaella, 2019, p. 48). Esta erosão da objetividade e, conseqüentemente, da distinção entre realidade e ficção denota a verdade como uma mera questão de opinião fundamentada na apreensão do mundo através dos sentidos e dos sentimentos. Desta forma, “o que está em jogo não é a verdade, mas o poder retórico de persuasão” (Bellei, 2021, p. 193), logo diversas visões da mesma realidade competem para se estabelecer como perspectivas hegemónicas num mundo em que a comunicação é cada vez mais abundante e a verificabilidade da totalidade do conteúdo acessível é impraticável. Neste sentido, o fenómeno da pós-verdade não se resume à distorção do nosso entendimento acerca de acontecimentos no presente, mas também obscurece a nossa compreensão relativa a eventos do passado e condiciona as nossas perspectivas para o futuro das sociedades democráticas. Sérgio Bellei reforça, assim, que vivemos uma “crise da linguagem como instrumento da representação e fortalecimento de disseminações mais ou menos controladas de sentido” (Bellei, 2021, p. 197). Esta lógica não se observa apenas no campo político, sendo constatável também na área dos estudos literários.

É sabido que os espaços ficcionais literários permitem explorar e renegociar versões alternativas de eventos históricos. Deste modo, a literatura africana pós-colonial serve de instrumento de afirmação de nacionalidades livres e como “um meio de conhecer o país, de mergulhar num mundo de histórias não contadas ou mal contadas, inclusive pela chamada literatura colonial” (Chaves, 2004, p. 154). Recordar-se que, neste contexto, entende-se por literatura pós-colonial não apenas aquela que foi produzida em territórios que foram, outrora, colonizados por poderosas metrópoles, mas, sobretudo, aquela que trata de temas relacionados com as consequências culturais, sociais e políticas impostas aos países dominados pelos processos de colonização e descolonização. Sendo assim, é facto que “todos os *pós* enfrentam um profundo problema – o de cartografar o terreno, o objeto de estudo – o qual deve ser coerente e possibilitar um diálogo interessante e coerente entre os que partilham esse campo teórico e metodológico” (Meneses, 2013, p. 184). Em resumo, as literaturas africanas pós-coloniais de língua portuguesa voltam-se “para o passado na pretensão de buscar as matrizes significantes da tradição, tentando recuperar uma franja das lacunas que o sistema colonial abriu no desenvolvimento cultural dos seus povos” (Frasão, 2012, p. 141). Esta noção encontra respaldo nas teorias de Edward Said sobre o *imperialismo cultural* e o *orientalismo*. Nas suas principais obras, **Orientalism** (1979) e **Culture and imperialism** (1994), o autor defende que os empreendimentos coloniais resultam na hegemonia cultural das metrópoles dominantes que projetam e exportam as suas ideologias e produtos culturais, reforçando a sua influência e poder no cenário internacional (Said, 1994, p. 3-14). Neste sentido, a literatura é uma das componentes mais importantes para o entendimento dos debates pós-coloniais, dado que “os estudos pós-coloniais têm vindo a projectar-se com uma dupla valência: reconstróem um objecto literário historicizando-o, substituindo-o numa narrativa que procura ter em atenção a relação entre o império e as colónias” (Meneses, 2013, p. 197).

No que diz respeito à produção literária moçambicana<sup>3</sup>, sabe-se que com o fim do colonialismo surge “um número significativo de escritores cuja obra literária é conscientemente produzida tendo em conta o fator da nacionalidade. São eles que forjam a consciência do que é ser moçambicano no contexto [...] do mundo” (Fonseca; Moreira, 2017, p. 52). Assim, estes autores, através dos seus textos, desafiam estereótipos associados à identidade do país e às suas tradições, permitindo aos leitores refletir sobre o papel da ficção na solidificação de ideias de democracia, inclusão e diversidade, num período histórico pautado pela desinformação e pela desconfiança da população em geral face às instituições que produzem conhecimento científico. Em 1997, o escritor Manuel Ferreira já apontava para a esta ideia, admitindo que a literatura pós-colonial africana de expressão portuguesa era uma “escrita vivida numa realidade concreta em profunda mutação social, populações estruturalmente em desagregação, e na construção do seu novo equilíbrio, no trânsito para o reencontro colectivo” (Ferreira, 1997, p. 109).

Se assumirmos que “de um lado temos um entendimento da ver-

dade literária como correspondência ou conformidade com o objeto representado, e do outro temos uma noção da verdade como mera derivação da vontade e disposição do autor, e tão só dela” (Martins, 2018, p.159), então é plausível concluir que as imagens construídas pela ficção literária não correspondem necessariamente a factos históricos e que, por consequência, podem ser moldadas para fins de disseminação de doutrinas variadas. Isto fica especialmente visível quando se constata que a crítica literária celebra a existência de múltiplas interpretações do mesmo texto e admite que mesmo aquelas que são antagónicas e inconciliáveis podem ser aceites e consideradas como verdadeiras, quando justificadas apropriadamente. Neste cenário, os escritores africanos contemporâneos, após terem experienciado as fugazes alegrias da conquista da liberdade, assumiram para si a missão de colaborar na tomada de controlo do povo africano sobre as narrativas associadas ao seu passado histórico, de modo a superarem a herança de uma época profundamente violenta que se traduz em preconceitos no presente e num futuro repleto de incerteza.

Em suma, no período colonial, os territórios colonizados, sendo Moçambique o exemplo em evidência, viram a construção das narrativas que compõem a sua História e a sua identidade pré-colonial serem controladas pelas elites metropolitanas imperialistas. Atualmente, os autores provenientes destas regiões têm almejado, por meio das suas obras, registar diversas vertentes das suas tradições, crenças ancestrais, crises políticas e financeiras presentes, desafios do quotidiano de populações marginalizadas, entre outros... Desta forma, procuram evitar as armadilhas da pós-verdade associada às conceções veiculadas pelas ideologias dos países dominantes no mundo globalizado. Ideologias estas que, historicamente, determinam que o mundo ocidental é superior moral, intelectual e culturalmente face às restantes regiões do mundo e que os seus valores devem ser estendidos a todos os povos (cf. Said, 1979). Sendo assim, a recuperação do “passado [pré-colonial] seria uma espécie de ponto de partida de uma viagem que teria ficado a meio com a invasão colonial” (Chaves, 2004, p. 155) e cujos efeitos são ainda hoje sentidos.

### **“Nas águas do tempo”: Um estudo de caso**

A obra de Mia Couto é reconhecida por abordar a “conjuntura hostil [moçambicana] na qual imperam a ausência de valores éticos e morais, a perda da memória e da dignidade humana e os desajustes económicos e culturais vividos no país” (Fonseca; Moreira, 2017, p. 55). Assim, o autor reflete sobre as mudanças que ocorreram em Moçambique na transição entre o século XX e o século XXI e sobre o modo como as elites moçambicanas contemporâneas ocupam o papel das elites coloniais anteriores, dificultando o desenvolvimento cultural e social do território em benefício do enriquecimento próprio<sup>4</sup>. Exemplo disto é o facto de que, apesar de Moçambique ser um país rico em recursos naturais como solo arável, minérios e gás natural,

registava, em 2021, de acordo com o Banco Mundial, uma taxa de pobreza nacional de 63%. Para além deste aspeto, os escritos de Mia Couto são célebres pela sua linguagem inovadora e insólita, apoiada fortemente na tradição oral africana produzida, principalmente, em línguas crioulas de base lexical portuguesa. O autor é também responsável pela criação de uma miríade de novos vocábulos que resultam da sobreposição de palavras de diferentes línguas e dialetos que se caracterizam “por uma elevada simplicidade dos termos que as compõem, quer formal quer semanticamente, determinando, deste modo, um elevado grau de compreensibilidade” (Brugioni, 2012, p. 25)<sup>5</sup>. Todos estes pontos serão explorados e exemplificados nos parágrafos que se seguem, através da leitura de “Nas águas do tempo”.

No conto “Nas águas do tempo” de Mia Couto, publicado pela primeira vez em 1994, no volume **Estórias abensonhadas**, são abordados temas como as relações intergeracionais familiares, o valor da cultura e tradição oral, o respeito pela sabedoria ancestral conservada pelos anciãos e a passagem do tempo que tem como fim a morte. Em síntese, a narrativa trata, inicialmente, de um passeio de barco liderado pelo avô com o seu neto, que relata os acontecimentos em primeira pessoa. Durante a tranquila e silenciosa viagem, o idoso levanta-se e acena com um pano vermelho a algo que estaria na outra margem do rio, mas o jovem não vê ninguém e questiona a atitude do avô. Este insiste na existência de panos brancos na margem do rio. Quando regressam a casa, a mãe do menino que desaprova estas excursões, refere, em tom jocoso, que teria sido vantajoso se tivessem encontrado o fantasma *namwetxo moha*<sup>6</sup> que nunca tinha sido avistado pelo narrador, mas apenas pelo avô, quando jovem. De seguida, o menino recorda uma viagem com o avô ao lago proibido, na qual este o informou que o primeiro homem tinha nascido das canas que ali se encontravam. Posto isto, o jovem quis sair da embarcação e explorar os pântanos em volta do lago e, ao colocar a perna fora da embarcação, apercebeu-se de que o lago não tinha fundo e de que estava a ser sugado para o abismo. O avô tentou puxá-lo de volta para o barco, porém este virou-se com a agitação. Neste momento, o velho acena com o lenço vermelho e pede ao neto que faça o mesmo e, de repente, a água acalma-se e os protagonistas podem regressar a casa seguros. O avô pede ao neto que não conte a ninguém o ocorrido e explica-lhe que o leva nestas viagens para que ele possa aprender a ver aqueles que estão na outra margem, pois o senhor considera ser o último dos homens que não está cego e que, portanto, ainda consegue ver os panos brancos do outro lado do rio. No dia seguinte, as personagens regressaram ao local e o idoso saltou para as margens, pisando o território interdito e indo em direção a uma nuvem. Pela primeira vez, o menino observou um pano branco a acenar e, ao lado deste, vislumbrou o pano vermelho do avô que foi perdendo a cor e tornando-se igualmente branco. O conto termina com o narrador a conduzir o seu próprio filho ao mesmo rio para visitar os panos brancos.

O sumário anterior aponta para dois tópicos fundamentais que, ao serem examinados à luz dos conceitos de *pós-verdade* e *literatura pós-colonial*, se tornam cruciais para o entendimento da construção e representação do passado e do presente de Moçambique como lugares de questionamento de tradições cristalizadas, no conto “Nas águas do tempo”. Primeiramente, investigaremos o papel dos idosos enquanto guardiães da tradição do país e da perpetuação da memória coletiva, através das relações intergeracionais. Posto isto, debruçar-nos-emos sobre a hipótese, já explicitada no início deste trabalho, de que o desejo de preservação e perpetuação de tradições e crenças ancestrais é motivado pela vontade de recuperação e reedificação da identidade nacional, violentamente oprimida durante o período colonial.

Segundo Ana Mafalda Leite, por razões materiais e históricas, a tradição e cultura moçambicana têm sido transmitida, sobretudo, pelos membros mais experientes da comunidade para os mais jovens, por via da expressão oral (Leite, 1998, p. 17). Neste contexto, o papel pedagógico dos anciãos na suas comunidades provém “não só do gesto e dos profundos segredos do [seu] saber, mas, e sobretudo, do culto aos antepassados, cuja força e energia está sempre presente” (Ngomane, 1999, p. 287). Esta ideia permeia a totalidade da narrativa estudada, sendo especialmente notável no momento em que o avô explica ao jovem rapaz que:

Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos (Couto, 2012 p. 13).

Nesta passagem do texto, a morte é explicada como a passagem de um indivíduo para a *outra margem do rio*. O idoso, ao afirmar que quase toda a gente está cega por ter deixado de enxergar os que estão na outra margem, demonstra que, com a renovação de gerações a tradição de acenar aos mortos (representados pelos *panos brancos*) está, infelizmente, a extinguir-se. Deste modo, o avô sente-se no dever de apresentar este legado cultural ao seu neto para que este, no futuro, possa passá-lo aos seus descendentes. Assim, é conservado um costume que poderia vir a dissipar-se a curto prazo. Através deste conto, Mia Couto reflete sobre os processos de fragmentação e perda das crenças ancestrais moçambicanas operados não só durante o período da colonização portuguesa, mas também logo após a libertação, já que se testemunhou uma acentuada rejeição e perseguição das tradições africanas pelos movimentos de índole marxista que levaram a cabo a emancipação política do país (Brugioni, 2012 p. 143). Dado que estes costumes, práticas religiosas e lendas eram considerados sintomas de um obscurantismo e ignorância científica que poderiam travar o desenvolvimento económico e cultural de Moçambique e colocar em risco a independência do território, foram relegados para um plano de desprestígio e associados a práticas de

feiticiaria e curandeirismo (Brugioni, 2012, p. 144). Neste contexto, em que as tradições africanas estiveram subordinadas aos interesses estrangeiros desde o início dos empreendimentos ultramarinos portugueses em África, no século XV, e que foram quase exclusivamente transmitidas por relatos orais, é imperativo considerar que o reduzido número de fontes escritas acerca destas tradições, crenças e mitos facilita muito a perda do património cultural africano e, principalmente, a distorção dos costumes e valores do povo moçambicano. A visão simplista e redutora da cultura de Moçambique nos países do Hemisfério Norte, amplificada pelas notícias falsas e sensacionalistas características do jornalismo da Era da pós-verdade, resulta na conceção “do tradicional como factor estático, cristalizado e originário” (Brugioni, 2012, p. 146), a qual o autor deste conto tenta desmistificar na sua obra.

Por sua vez, estamos perante uma peça de ficção que exalta a recuperação do passado como meio de construção e estabelecimento de uma identidade nacional moçambicana emancipada dos princípios e ideais da administração colonial portuguesa. Quando o idoso explica ao neto que se deve remar “sempre em favor da água (...) Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem” (Couto, 2012, p. 10), está, por outras palavras, a ensinar-lhe que, tal como o rio corre desde sempre na mesma direção e é preciso respeitá-lo sob pena de enfurecer os espíritos das águas, também as tradições ancestrais devem ser seguidas com rigor para evitar desestabilizações da ordem social. Assim, assegurar a continuidade do passado seria um ponto de partida para a reedificação da individualidade cultural de Moçambique que foi corrompida pela dominação portuguesa, que poderia ser encarada, à luz desta metáfora, como um momento em que os moçambicanos foram forçados a remar contra a corrente. Consequentemente, pode declarar-se que esta composição, em particular, e que a obra de Mia Couto, em geral, parece caracterizar-se por “uma preocupação evidente em relação às mistificações que encaram a raça e a identidade como princípios de discriminação e marginalização em termos de cidadania e direito” (Brugioni, 2012, p. 152). No final desta história, o menino conclui que “a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer” (Couto, 2012, p. 15). Ou seja, a personagem entende aquilo que o seu ascendente lhe tentava incutir nas viagens de barco sobre a permanência do rio enquanto meio de passagem entre a vida e a morte e a sua nova missão enquanto guardião de uma tradição que tinha de ser preservada e difundida para não se perder nas fugazes águas do tempo. Deste modo, o rio que o neto descobre em si é, simultaneamente, o tempo passado e o tempo futuro, dos quais ele se torna protetor após a morte do seu avô. Neste ponto, recorda-se a célebre proposição do filósofo pré-socrático Heráclito (500 a.C. – 450 a.C.), “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”. Não obstante o conto trazer o rio como símbolo do tempo imutável e da ancestralidade, fica igualmente implícito, através desta leitura,

que o movimento é imanente ao curso da água e que o avanço temporal leva, inevitavelmente, à renovação geracional e, conseqüentemente, à perda ou pulverização de memórias coletivas. Deste modo, parece lógico inferir que será impossível reverter os efeitos culturais, sociais, políticos e económicos da colonização portuguesa em Moçambique e reconstituir a identidade e imagem do país somente com base em tradições ancestrais autóctones. Portanto, a literatura pós-colonial oriunda desta região terá uma função crucial na conjugação dos costumes milenares originários, dos impactos da dominação lusa e do espírito do momento atual, afetado pela globalização e pela proeminência das novas tecnologias de informação e comunicação, para a consolidação de uma identidade moçambicana holística e voltada para a construção de um futuro próspero.

Em conclusão, o conto “Nas águas do tempo”, ao retratar temáticas como o papel da oralidade na transmissão dos valores culturais moçambicanos entre gerações e a retoma de mitos e tradições ancestrais como forma de engrandecer o presente, é um exemplo muito significativo da relevância de Mia Couto para a edificação de um cenário literário pós-colonial moçambicano marcado pela problemática identitária, resultante do colonialismo histórico e dos preconceitos reforçados pelo poder retórico dos meios de comunicação de massas contemporâneos, mas que, ainda assim, se procura afirmar no contexto da globalização. Por isso,

nas narrativas de Mia Couto chama a atenção o motivo comum que atravessa sua escrita: a profunda crise económica e cultural que acompanha o quotidiano da sociedade moçambicana, durante e depois da guerra civil, ou seja, após a independência nacional. Suas obras problematizam a instabilidade na qual está mergulhado o povo moçambicano, a corrupção em todos os níveis do poder, as injustiças como consequência de um racismo étnico, a subserviência perante o estrangeiro, a perplexidade face às rápidas mudanças sociais, o desrespeito pelos valores tradicionais, a despersonalização, a miséria (Fonseca; Moreira, 2017, p. 55).

## Conclusão

Ao retomarmos a questão de partida sobre os efeitos da pós-verdade nas discussões sobre a literatura pós-colonial africana de língua portuguesa, concluímos que, no campo da literatura moçambicana contemporânea, o conto de Mia Couto analisado assume a função de promover a coesão nacional, por meio da propagação de lendas ancestrais da região e da linguagem selecionada. Ao não ceder aos cânones linguísticos e literários portugueses, preferindo recuperar imagens, personagens, vocábulos e expressões do seu país, o autor contribui para a consolidação de Moçambique como entidade livre e independente. Apesar disto, não se pode ignorar que “a empresa colonial levou muita coisa, mas deixou outras” (Chaves, 2004, p. 152), ou seja, os vestígios do colonialismo português ficaram impressos nos territórios africanos muito depois da libertação política das áreas cativas e as suas repercussões serão ainda sentidas nos próximos séculos. Desta forma, será impossível, para os territórios colonizados, reverter e esquecer as marcas

do imperialismo português e recomeçar a construção da sua identidade a partir somente dos mitos e tradições pré-coloniais, logo a nova identidade moçambicana terá de ser, inevitavelmente, pautada pela conjugação de categorias oriundas da antiguidade, do período colonial e da globalização corrente. Nesta conjuntura, o escritor debatido

convoca um conjunto de questões e temáticas que se situam na perspectiva de paradigmas críticos cruciais no que vem sendo definido como condição pós-colonial, proporcionando um conjunto de solicitações no que concerne um o contraponto entre práticas culturais, instâncias teóricas e dimensão epistemológica (Brugioni, 2012, p. 153).

Assim, Mia Couto propicia um espaço aberto de discussão sobre a desconstrução de estereótipos associados à comunidade moçambicana, memória e sabedoria ancestrais e a antevisão de um futuro otimista, no qual se conjugará a modernidade e a tradição. Todavia, este género de diálogos tem vindo a ser minado pela proeminência de informações falsas difundidas, em particular, nas redes sociais, onde dificilmente se pode verificar a veracidade das informações veiculadas. Tendo isto em conta, pode considerar-se que estamos perante meios tecnológicos que ameaçam “valores como a democracia, a inclusão, a diversidade, a sustentabilidade, a razão e a promoção de uma cultura da paz” (Araújo, 2020, p. 46), já que facilitam a multiplicação de preconceitos e o empobrecimento do pensamento crítico. Da mesma forma, tem-se verificado um desinteresse da população em geral pela *verdade* enquanto valor absoluto e estruturante da sociedade (Araújo, 2020, p. 40), sendo preferida a noção de que existem distintas versões de *verdade* que podem coexistir, mesmo quando são incompatíveis. Tendo em vista estas circunstâncias, pode considerar-se que o labor literário dos escritores africanos pós-coloniais de expressão portuguesa tem sido um dos promotores de disrupção deste ciclo de relativização de factos históricos e de propagação propositada de dados falsos.

Finalmente, reconhece-se que “as artes, como a música e a literatura, são formas de protesto e afirmação, além de expressões da diversidade cultural, desafiando a retórica colonial e o seu entendimento eurocêntrico acerca da história” (Soares; Paradiso, 2019, p. 2). No caso específico da literatura de Moçambique pós-independência, isto traduz-se no tratamento de temas como a ambiguidade na forma como o realismo é retratado, a preocupação com as tradições e costumes locais, e o uso da oralização como símbolo de africanidade (cf. Días-Szmidt, 2010, p. 6), sendo que todos estes aspetos estão evidentes no conto “Nas águas do tempo” de Mia Couto e foram explicitados no decorrer deste artigo. Em consequência, as expressões artísticas citadas anteriormente, nomeadamente os textos literários, operam como ferramentas basilares da construção da identidade moçambicana livre e no combate às informações falsas agilmente propagadas pelos meios de comunicação de massas e pelas redes sociais que têm vindo a privilegiar os conteúdos de opinião em detrimento da informação fidedigna, no contexto da vigente Era da pós-verdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Carlos. O fenômeno da pós-verdade: Uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências. **Alceu**, v. 20, n. 41, p. 35-48, 2020.
- BELLEI, Sérgio. Os estudos literários na era da pós-verdade. **Scripta**, v. 25, n. 54, p. 190-206, 2021.
- BHABHA, Homi. **The location of culture**. Routledge: London and New York, 1994.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- BRUGIONI, Elena. Uma conversa com Mia Couto. In: ELENA, Brugioni, et al. (org.). **Áfricas contemporâneas**. Vila Nova de Famalicão: Húmus Edições/CEHUM, 2010, p. 143-153.
- \_\_\_\_\_. **Mia Couto: representação, história(s) e pós-colonialidade**. Vila Nova de Famalicão: Húmus Edições/CEHUM, 2012.
- CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. **Via atlântica**, n. 7, p. 147-161, 2004.
- COSTA, João. Análise de neologismos em Mia Couto: A utilização da derivação e o caso particular da amálgama. **elingUP**, v. 2, n. 1, p. 71-76, 2010.
- COUTO, Mia. Nas águas do tempo. In: COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 9-15.
- DÍAS-SZMIDT, Renata. O legado tradicional africano e as influências ocidentais: a formação da identidade e da moçambicanidade na literatura pós-colonial de Moçambique. In: **CIEA7 #21: Literaturas africanas entre tradições y modernidades. 7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos**, Lisboa, p. 1-12, 2010.
- FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa II**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.
- FONSECA, Maria; MOREIRA, Terezinha. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC de pesquisa**, n. 16, p. 13-72, 2017.
- FRASÃO, Anderson. Memórias que ecoam “Nas águas do tempo”, de Mia Couto. **Revista Travessias**, v. 6, n. 1 p. 131-142, 2012.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Colibri, 1998.
- LÉRICO, Camila. **Estilo(s), heterogeneidade e sentidos: um olhar dialógico para a obra de Mia Couto a partir de Mulheres de cinzas**. Dissertação (Pós-graduação em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2023.

MARTINS, Manuel. O erro tentador ou o princípio ativo da ficção literária considerados a partir da cultura da pós-verdade. **Cultura, espaço & memória**, n. 9, p. 155-166, 2018.

MENESES, Maria. Desafios a Moçambique: nação e narrativas pós-coloniais. **Cadernos de estudos culturais**, v. 5, p. 183-154, 2013.

NGOMANE, Nataniel. Entre a mágoa e o sonho... nas *Estórias abensonhadas* de Mia Couto. **Via Atlântica**, n. 3, p. 285-288, dez. 1999.

RANSOM, John. **The new criticism**. Connecticut: New Directions, 1941.

RIOS, Peron. Mia Couto: metáfora, mito e tradição. **Sigila**, v. 2, n. 26, p. 137-144, 2010.

SAID, Edward. **Orientalism**. New York: Vintage Books, 1979.

\_\_\_\_\_. **Culture and imperialism**. New York: Vintage Books, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

SIMMS, Karl. **Paul Ricoeur**. Oxford: Routledge, 2003.

SOARES, Emanuel; PARADISO, Silvio, O pós-colonialismo e a moçambicanidade: uma introdução à literatura de Moçambique. **Revista África e africanidades**, n. 32, p. 1-10, nov. 2019.

TIMBANE, Alexandre. As marcas de autoria em Mia Couto. **Revista Fórum Identidade**, v. 21, n. 21, p. 149-170, mai. 2006.

WALTER, Roland. Literatura, história e memória no contexto pós-colonial. **Eutomia**, Recife, v. 3, n. 1, p. 1-11, jul 2010.

WELLEK, Rene. The new criticism: Pro and contra. **Critical inquiry**, v. 4, n. 4, p. 611-624, jun 1978.

\_\_\_\_\_; WARREN, Austen. **Theory of literature**. New York: Hartcourt, Brace & Co., 1949.

*Recebido para avaliação em 13/10/2023.*

*Aprovado para publicação em 22/02/2024.*

## NOTAS

1 Inês Marques é licenciada em Jornalismo e Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e mestre em Crítica Textual pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Atualmente, é investigadora bolsista do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, onde estuda literaturas coloniais e pós-coloniais em língua portuguesa.

2 A técnica de *close reading* consiste na leitura e interpretação atenta de breves passagens de um texto, focando-se na análise rigorosa de aspetos linguísticos e formais das passagens em questão. Este método enfoca, assim, tanto a mensagem veiculada pelo autor como o modo como o conteúdo é apresentado. Os formalistas americanos, responsáveis pelo movimento

do *New Criticism* foram os principais impulsionadores da popularização do *close reading* no meio acadêmico, pois consideravam que o significado e a estrutura de um texto não podiam ser considerados e avaliados separadamente (Wellek, 1978, p. 615).

3 A título de contextualização histórica, relembra-se que a Guerra da Independência de Moçambique se estendeu entre setembro de 1964 e setembro de 1974. Após a rutura com o governo português, o território moçambicano viveu uma violenta guerra civil, entre 1977 e 1992, que opôs a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), de carácter marxista, e o movimento anticomunista denominado Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO). Segundo Meneses (2013, p. 194), a história destes conflitos armados é um dos elementos fundamentais para a construção do sentido de pertença e união do povo moçambicano e, por conseguinte, serve de base para o sentimento de moçambicanidade, ou seja, o conjunto de características que unem culturalmente a população de Moçambique.

4 Para uma abordagem mais aprofundada acerca do texto coutiano, ver, a título de exemplo, Lérco (2023), Timbane (2016) e Brugioni (2010).

5 A título de exemplo, evocam-se os seguintes termos retirados do conto “O ex-futuro padre e sua pré-viúva” (1990): *administrador* que consiste numa amálgama dos vocábulos *administrador* e *traidor*, remetendo para a ideia de que os processos burocráticos e administrativos são, muitas vezes, efetuados por indivíduos que utilizam o seu pequeno poder burocrático de forma maliciosa; e *argumentiras* (cf. Costa, 2010) que se trata de uma amálgama das palavras *argumento* e *mentiras*, apontando para um silogismo deliberadamente desonesto. O conto estudado neste artigo apresenta apenas duas ocorrências deste género, *semifulano* e *aflautinado* que se referem a namwetxo moha, uma entidade fastamagórica do folclore tradicional e ao formato longilíneo de uma flauta, respetivamente.

6 Namwetxo moha seria um fantasma que surgia à noite, sendo composto por apenas um olho, uma perna e um braço. Embora esta figura seja exclusiva ao universo do conto em análise, não sendo citada em quaisquer fontes sobre o folclore tradicional moçambicano, é exemplo da valorização do mito, que apresentado de forma lírica, funciona como metáfora ou símbolo. Este fenómeno é típico do estilo literário de Mia Couto e, na prática, traduz-se na “dupla hermenêutica com a prosa coutiana, uma vez que aí se acumulam dois discursos cifrados e simbólicos: o das tradições míticas de Moçambique e o do próprio texto literário do autor” (Rios, 2010, p. 144). Desta forma, apesar de namwetxo moha não ser uma popular figura mitológica moçambicana que carrega centenas de anos de simbologia associada, contribui para o texto, na medida em que demonstra a preocupação do autor em dialogar com o folclore do seu país.